

## TOW IN

*Alberto PACHEU \**

Na faculdade, escutei que alguém, tempos atrás,  
teria dito: tudo é água. Quando o jet ski  
me reboca, largando-me no topo  
destas ondas anteriormente começadas  
e não escolhidas por mim, máquina, mar e eu  
somos apenas um, a mesma entidade viva  
respirando uma ausência qualquer de limites.  
Sei que posso morrer a cada instante  
no improviso. Que, perdido no terror  
de uma mandíbula, sem saber  
de que lado está a cava nem de que lado,  
a crista, triturado dentro desta mastigação  
por uma avalanche de águas,  
uma onda pode me matar. Sei que a máquina,  
com o companheiro a acelerando em vão,  
igualmente imersa em bolhas, solavancos  
e espumas muito mais potentes do que ela,  
ainda pode falhar, não rebocando mais uma vez  
a minha vida, deixando-a espatifada  
em algum rochedo próximo ou num coral submerso.  
E quem tem força para matar  
é sempre muito perigoso. É tão assustador  
que acho mesmo que já morri  
algumas vezes  
no caldeirão de água espumante  
onde, no fim das contas, não existe segurança.  
Renaço, a cada dia, de dentro do caldo  
do esquecimento e da vala do sono.  
Surfar nem sempre é o mais difícil; o mais difícil  
é conseguir sobreviver. Este mar é o local  
em que homens e meninos se distinguem.  
Em que homens recebem suas medidas

---

\* Poeta e Professor Adjunto da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

sobre-humanas. Em que homens  
eram menores do que ele, até conseguirem surfá-lo.  
Não venham para cá se não puderem contar  
com seus próprios culhões. E com algo mais.  
Não venham para cá, se, pelados pelas ondas,  
não se garantirem. E, mesmo assim, não venham...  
Não venham para cá se não puderem  
morrer. Se não puderem ser um com o mar.  
Se não souberem que a prancha que me separa –  
mínima linha no abismo, quilhas e bordas  
em manobras, cortes, idas  
e vindas sulcando o muro infinito –,  
é a mesma que me une ao sol de água:  
a prancha da coragem e da perícia  
que, usando a força para lidar com a força,  
me preserva num ínfimo já líquido de mim.  
Aqui é o único ambiente em que,  
enquanto os homens se sentem horrorizados,  
eu, bicho marinho, me sinto em casa.  
Aqui é o limite entre o prazer, o êxtase  
e a morte. Mesmo com o barulho do motor  
da máquina marítima, do vento forte  
dificultando tudo ainda mais, da zona de impacto  
nos arrastando submersos na água gelada  
por mais de 200 metros, do helicóptero  
que espreita com suas câmeras por cima,  
da prancha vibrando seu impacto  
no estalo repetido contra a superfície aquática  
e no ritmo ofegante das batidas do coração,  
aqui é o lugar mais silencioso que existe:  
escuto a circulação do sangue dos golfinhos,  
tubarões e gaivotas, o sistema nervoso  
das areias, horizontes e céu, a voz rudimentar  
de algas, ostras, conchas e ouriços.  
Por isso, volto sempre para cá,  
para essas ondas monstruosas  
em cujos topos me sinto maior  
do que os penhascos que me espreitam  
por sobre as cidades dos homens e arranha-céus,  
sabendo que, aqui, o estilo não é nada  
senão o imposto a cada um pela necessidade  
da vida em seus extremos.  
Não temo os 30 metros que me cobrem  
(nem o bafó que se estende por 100 metros),  
mas as coisas mesquinhas dessa vida.